

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Renato Nogueira Saldini

**Centro de Memória “Orleide A. Alves Ferreira” da Etec Bento Quirino
Campinas/SP**

2021

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistador / Instituição: Américo Baptista Villela / Centro de Memórias “Orleide A. Alves Ferreira, Etec Bento Quirino

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

Elaboração do roteiro da pesquisa: Américo Baptista Villela

Local da entrevista: online

Data: 07 de outubro de 2021

Técnico de gravação: Zoom Meeting

Duração: 38 minutos e 44 segundos

Número de vídeos: 1 (um)

Transcritor: Américo Baptista Villela

Número de páginas: 19

Sinopse da entrevista

Renato Nogueira Saldini estudou na então ETESG Bento Quirino, em Campinas, onde concluiu o curso Técnico em Contabilidade entre os anos de 1984 e 1987, quando o curso técnico era integrado ao médio. Formado foi trabalhar em um escritório de contabilidade enquanto preparava as condições para abri o seu próprio escritório. Posteriormente, realizou o curso de Ciências Contábeis pela PUCAMP – Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Ainda enquanto estudante universitário iniciou sua carreira como professor da antiga escola onde estudou e, posteriormente, veio a exercer as funções de Coordenador de Área e Diretor da mesma. No Centro Paula Souza também atuou junto a

criação do TELECURSO TEC em parceria com a Fundação Roberto Marinho. Atualmente é diretor e proprietário da Escola do Sítio, em Campinas. Nessa entrevista esse revela suas memórias desta trajetória.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: início 08 de outubro de 2021 e finalização em 15 de outubro de 2021.

Nome do transcritor: Américo Baptista Villela

Américo Baptista Villela (ABV): Boa noite, senhor Renato Nogueira Saldini. Eh, a presente entrevista é parte do projeto de História Oral desenvolvido pelo GEPEMHEP - Grupo de Estudos e Pesquisa em Memórias e História da Educação Profissional - e tem como objeto a Educação Profissional e Empreendedorismo. Nesse sentido, peço ao senhor que se apresente para que possamos conhecê-lo melhor, nos informando data e local de nascimento, filiação, como se realizou sua formação escolar inicial até chegar a Escola Técnica Estadual Bento Quirino.

Renato Nogueira Saldini (RNS): Tá joia! Boa noite, professor Américo, tudo bem? Antes de mais nada, né, nós somos, também aí companheiros de trabalho durante muito tempo, não é? Então, meu nome é Renato Nogueira Saldini, né? Eu, meu pai Hermínio Saldini, minha mãe Maria Aparecida Nogueira Saldini, né? Eu sou natural de Campinas, filho de italiano, meu pai é italiano, minha mãe é brasileira, né? E cresci, vivi e continuei vivendo em Campinas desde então, né? Então, eu sou natural de Campinas e fiz toda a minha carreira, não só acadêmica, mas profissional nessa cidade aqui.

ABV: Perfeito Renato. E, deixa lhe perguntar qual foi o fator determinante pra sua escolha para estudar na Escola Técnica Estadual Bento Quirino? E nessa perspectiva também o curso, né, que você acabou fazendo?

RNS: Tá! É assim, eu estudava em uma escola pública estadual, não é?, no bairro da Vila Costa e Silva, e a gente tinha uma disciplina que chamava "Educação para o Trabalho" e esse professor trouxe para nós a época as possibilidades de, além do antigo segundo grau, que hoje nós chamamos de Ensino Médio, não é?, de fazer um segundo grau profissionalizante, porque era uma maneira que a gente tinha de além de já adquirir o segundo grau, poder fazer uma faculdade se quisesse, ter já uma profissão. Aquela do

ensino técnico como um todo e, na época, ele mostrou um monte de possibilidades pra gente, entre elas, as escolas, além do Bento Quirino, teve também o Thomas Alves, em Sousas, que na época tinha um curso de Patologia Clínica que eu até me interessei, mas eu não sabia muito bem o que era, e no Bento Quirino, eu, dentro dos cursos que eram oferecidos, o que mais me chamou a atenção foi o curso de Contabilidade. De verdade, naquela idade, né, com 14 (quatorze), 15 (quinze) anos, eu não sabia direito o que era o curso, mas eu sabia que eu queria um curso profissionalizante, que podia fazer diferença na minha vida, porque assim, minha família muito simples, e eu já tinha na cabeça que eu ia precisar de uma profissão. Não tinha nenhum tipo de, eh, ainda na minha cabeça não passava fazer uma faculdade. Não era uma coisa que estava dentro da minha realidade da época. Então, a minha ideia era ter um técnico, trabalhar e tocar o barco. Ai acabei optando pelo Bento, pelo Bento Quirino, por que ele tinha o curso Técnico de Contabilidade, Mecânica, Eletro e tinha Desenho mecânico a época, isso em 1984 (mil novecentos e oitenta e quatro), tá Américo, pra dar um contexto aí. E ai, 84 (oitenta e quatro) eu fui pro Bento Quirino fazer o curso de contabilidade, no período da tarde. Fui sem saber exatamente o que era, eu tinha uma pequena noção porque o professor deu aquela ideia mais ou menos, né, e fui fazer o curso baseado nisso. Teve uma intervenção de um professor que trouxe essa possibilidade pra gente, dizendo que o curso técnico ele poderia proporcionar pra gente uma renda, né, enquanto a gente, depois que estudasse, caso a gente quisesse fazer uma faculdade, que era uma coisa, como eu já disse, que tava longe da minha condição financeira. Eu nem sonhava em fazer Unicamp nessa época, não tinha como, né? Nessa época só tinha PUC e UNICAMP, em Campinas, ou você fazia um ou você fazia outro, então, dentro da minha realidade social, eu ia ter que fazer uma PUC paga e eu não tinha dinheiro, condições financeiras a época, o que me estimulou a fazer um curso técnico. Então, foi pra isso mesmo, pra ter uma profissão que me pudesse garantir uma subsistência profissional e financeira. E acabei indo para o Bento, fazendo o curso de Contabilidade, então a escolha foi mais ou menos baseado nessa forma ai. Meio sem saber o que era, né, porque essa idade a gente não tem muita noção, mas acabei indo e, enfim, fiz o curso lá em três anos, né? Ai eu não sei se você quer perguntar alguma coisa em cima disso, senão eu dou prosseguimento.

ABV: Não, queria sim, professor

RNS: Tá

ABV: É o seguinte, como é que foi, assim que o senhor concluiu o curso técnico, o senhor já foi direto para a universidade ou senhor começou a exercer a profissão? Como é que foi essa transição?

RNS: Então.

ABV: Esse processo?

RNS: Tá, legal. Boa pergunta, sim, porque é uma coisa que faz parte da minha história, o que eu posso dizer logo de cara, é que mudou a minha vida ter feito o curso técnico eu acho. Mudou o rumo da minha vida, porque eu sai de uma família de 8 (oito) irmãos, eu sou o único que tava ali estudando pra poder terminar o ensino médio, para você ter uma ideia, né? Ai, eu terminei o curso no ano de 87 (oitenta e sete) e fiquei o ano de 88 (oitenta e oito) todo sem estudar, pensando o que eu ia fazer, mas nesse ínterim, eu comecei a trabalhar na contabilidade como, fazendo..., trabalhando no escritório contábil pequeno em Barão Geraldo. Então, ali, eh, quer dizer, a escola técnica, eu já, abracei a profissão, fiz o curso, gostei do curso, abracei a profissão e fui já assim atuar logo em seguida, eu terminei primeiro de estudar e depois eu fui trabalhar. Eu tive esse, assim entre aspas, esse privilégio em casa de poder fazer o ensino médio sem ter que trabalhar para ajudar em casa, tal, o que era muito comum naquela época, né? Então, eu sai já fui trabalhar em um escritório de contabilidade, só que o salário não me permitia eu pagar uma faculdade. Eu ia depender de mim mesmo, mas eu fui dando um jeito, né? A partir dai, eu fiquei um ano então, sem fazer faculdade, mas já trabalhando, atuando na área técnica em contabilidade, e depois, então, comecei a estudar Ciências Contábeis na PUC Campinas.

ABV: Perfeito! E, nesse processo, eh, como é que se deu também Renato, ah, essa perspectiva de vir a se tornar professor da escola?

RNS: Esse é outro ponto interessante, perdão pode concluir

ABV: Não pode falar.

RNS: Esse é um outro ponto muito interessante Américo. Depois de um tempo, nessa época, quando você se formava no técnico, você podia lecionar já, já era permitido. Como professor, tipo ..., eles chamavam de ACT na época, professor contratado em caráter temporário, não é? Não precisava ter a licenciatura para lecionar naquela época. É recente

pra gente, em termos históricos no Centro Paula Souza. A obrigação da licenciatura, não é? Então, eu..., mesmo trabalhando na área da contabilidade nesse escritório, eh, uma professora adoeceu, eu fiquei sabendo, me interessei, fui na escola fazer um cadastro e comecei a dar aula já, paralelo a essa atividade, então isso aconteceu no ano de 89 (oitenta e nove), final de 89 (oitenta e nove) para o ano de 90 (noventa), né? Eu entrei substituindo uma professora dando aulas, eu peguei uma carga de 25 (vinte e cinco) aulas semanais, porque ela tinha uma carga quase que, acho que até mais 30 (trinta) e lá vai pedrada. Naquela época era quase 40 (quarenta) aulas a carga do professor do Estado, né? Mas ela tinha essas 25 (vinte e cinco) que foram atribuídas para mim. Então eu comecei com 21 (vinte um) anos a dar aula, trabalhando e como técnico, esse é o detalhe. E ai fazendo, faculdade, eu, dando aulas já, com a habilitação de técnico e também trabalhando na contabilidade. Porque uma coisa que eu, assim, sentia que eu tinha um potencial para explicar, pra ensinar contabilidade, da maneira que eu não tinha aprendido. Porque quando eu fui trabalhar na área prática, eu vi me faltou um pouco da prática no curso naquela época, né? O curso estava um pouco que distante do que era a realidade da profissão, mas ajudou bastante, quase como todas as profissões, dá uma boa base, e a partir daquela base eu consegui, tanto é que aquela base me fez gostar da profissão, né? Mas na prática, eu percebi, pô isso aqui eu deveria ter aprendido de uma maneira diferente, se eu utilizasse essa didática, né? que eu imagino que seria a ideal. Então esse desafio me levou a ser professor, né? Eu quero tentar ensinar contabilidade de uma maneira que eu talvez não tenha aprendido., me fez falta. Então, devido essa autorização que havia, legal na época, eu como técnico, já com vinte e poucos, vinte e um anos, já era professor do Bento Quirino. Além de aluno, depois de um ano, isso que é legal contar, depois de um ano longe da escola voltei já como professor.

ABV: Perfeito Renato! E, mais uma observação ainda sobre essa questão profissional, eh, em um primeiro momento você trabalhou em um escritório de contabilidade que pertencia a outra pessoa?

RNS: Exato, como funcionário.

ABV: Depois você montou seu próprio escritório? Como é que foi que rolou isso?

RNS: Tá. Então, começando, dentro desse escritório que eu trabalhava, eu conheci um amigo que juntos, a gente percebeu o potencial e o bom que era ter um escritório contábil, e a gente teve a ideia de montar um escritório juntos, mas não onde eu trabalhava, mas

em uma cidade vizinha que é Paulínia, né? Ele era de Paulínia e, enfim, os custos de alugueis, naquela época a gente alugava o telefone, por incrível que pareça, né? Telefone fixo era alugado, porque não tinha linha também que era muito difícil. Aquela coisa de TELESP, quem é mais da nossa idade, vai se lembrar bem disso, era um patrimônio até ter uma linha telefônica, e lá era mais barato. Tudo era mais barato. Então, a gente começou quando eu tinha uns 23 (vinte e três) para 24 (vinte quatro) anos, montamos esse escritório, mas ao mesmo tempo que a gente montou lá, eu continuei trabalhando porque a renda ainda não, não era o suficiente para eu largar o emprego fixo, deixar a segurança de um emprego fixo para ter algo, me dedicar totalmente a esse escritório, mas ai uma hora bateu coragem, sai desse escritório contábil depois de um tempo e fui me dedicar a esse escritório que era nosso, né? Meu e desse sócio. Fiquei em Paulínia lá durante um tempo. Você quer que eu continue a história, complete tudo ou eu

ABV: Sim, sim, por favor.

RNS: Então vamos lá, fiquei nesse escritório durante um tempo com ele, mas ai como eu morava em Campinas, começou a ficar difícil, mas pra ele era mais fácil lá em Paulínia. Eu comecei pensar: bom, eh , durante esse tempo, perdão, entrou mais um sócio conosco que era de Campinas também, que era um rapaz que trabalhou comigo na CONCREPAV, que eu sai desse escritório e fiquei.... Só para não ficar confusa a história, Américo, eu sai desse escritório uma época porque eu recebi uma proposta para trabalhar na CONCREPAV, a CONCREPAV era uma empresa da construção civil, e, para a minha infelicidade, foi exatamente no ano que o Collor de Mello assumiu, entrou o plano econômico Collor de Mello e paralisou a economia. A construção civil foi a mais afetada, então eu fiquei vinte dias nessa empresa apenas, fui demitido, só que o outro escritório me aceitou de volta. Nesses vinte dias que eu fiquei lá, fiz amizade com essa outra pessoa, né, que é muito bacana, né, enfim, acabou sendo minha sócia, meu sócio, no escritório de Barão Geraldo. Então, eu sai de Paulínia, fui com esse rapaz montar um escritório em Barão Geraldo, ai a gente tocou o barco durante vinte anos com esse escritório ai, né? Trabalhando na área de contabilidade e paralelamente eu atuava também como professor do Bento, comecei no Bento lá como professor em 89 (oitenta e nove), então, estou até hoje, passei por vários processos lá. E, sempre em paralelo a essa carreira de educação, eu tive também a profissão prática, porque, para mim, era muito importante eu estar no mercado de trabalho, eh, atuante, né? Porque eu podia trazer o que era novidade para os meus alunos, eu tinha muita necessidade disso, de estar atualizado mesmo, porque a área contábil ela é muito complicada. Você passa, ..., a legislação muita extensa, enfim, é muito

estudo, né? Por isso que é uma ciência, chama ciência contábil por causa disso. Porque, por incrível que pareça, ao contrário do que muita gente imagina, uma ciência humana e não exata, né? Então, a gente tem de estudar de mais, né? Eh , só para você ter uma ideia só o , os códigos da época, do ICMS, é um livro dessa idade e grossura, com quinhentos e tantos artigos, só de ICMS, aí tinha IPI, impostos federais, estaduais, e toda a rotina contábil, que tinha, que tinha as obrigações cotidianas. Então, eu me mantive na profissão contábil, como empreendedor no setor privado e mantive também a minha carreira como professor no setor público, que eu adorava realmente. Eu tive várias oportunidades para dar aulas em escolas particulares, até em universidades, mas eu sempre me recusei, porque o Bentão, que a gente chama carinhosamente de Bentão, porque o Bento Quirino era uma escola que eu sempre adorei desde quando eu pus os pés lá. A gente criou um amor, né? Parece uma coisa meio piegas, mas é verdade, um amor pelo local, por tudo, por tudo que eu vivi lá enquanto adolescente, por conta das amizades que eu fiz lá e tenho até hoje, por incrível que pareça, ainda tenho contato com algumas pessoas, então eu mantive essas duas carreiras paralelas, né? E tudo isso, se você parar para pensar, foi proporcionado por um curso técnico que eu fiz, né? Se a gente voltar um pouquinho a história, senão fosse eu ter ido pro Bento, minha vida, por isso que eu digo assim, mudou minha vida, minha vida podia ter sido outra totalmente diferente. E aí, a gente não sabe se

ABV: Perfeito professor! Eu queria aprofundar um pouquinho também esse outro lado da sua experiência profissional que é o lado ligado a educação.

RNS: Certo.

ABV: O senhor foi professor, mas o senhor não foi apenas professor, né?

RNS: Sim

ABV: O senhor foi coordenador, o senhor foi diretor da escola,

RNS: Exato.

ABV: né?

RNS: durante 8 (oito) anos

ABV: E hoje como é que está a relação do senhor com a educação, tendo em vista a sua aproximação, o seu contato com a escola do sítio. Como é que tá isso?

RNS: Tá! Então vou contar um pouquinho mais dessa história ai. É, como eu disse, como sei lá como professor. Fui aprendendo bastante como funciona uma escola ai entrei, fui convidado a entrar na coordenação do curso, que a gente já chamava então, de área de gestão, que o Centro Paula Souza foi mudando isso durante o decorrer dos anos, aí da área de Gestão tinha sempre um coordenador. Sempre quis, mas demorou para eu ter a oportunidade de ser coordenador e fui. Acabei sendo coordenador e nessa época, Américo, uma coisa que eu me orgulho muito do Bento, que a maioria dos cursos que foram criados na área de gestão, além da contabilidade, foi na minha gestão como coordenador que pode acontecer. É obvio que foi com a ajuda de muita gente, não foi uma coisa só minha, mas as pessoas compraram a ideia, né? Quando a gente começou então, enquanto coordenador, implantei o curso de Logística, o curso de, o próprio curso de Administração do qual eu sou professor hoje, alguns outros cursos que se iniciaram como Gestão de pequenos negócios/empresas, mas que hoje não existem mais, que foi caindo, né? O próprio curso de Eletrônica que tem no Bento, de Informática, já foi na minha gestão enquanto diretor. Então assim, eu tive uma, um aprendizado muito grande enquanto coordenador e quando a diretora Orleide, que faz parte da história também ai da escola, eu pude apreender muita coisa de gestão, né? que eu sempre achei ela muito..., ela tinha excelência no trabalho que ela fazia, né? Então ela, como a própria Suely que não está mais conosco né? a própria professora Rosa, então eu aprendi muito com esse pessoal e isso começou a despertar muita vontade de ser diretor. Foi quando eu participei então do, do processo seletivo da escola, perdão, do Centro Paula Souza para ser diretor que naquela época, a gente ia, acho que é assim ainda, né? você tinha que passar por um processo de, escrito, uma prova escrita, depois uma entrevista e finalmente uma eleição dentro da escola, né? Um processo até que eu acho muito interessante, bem democrático até. Então, ai eu fiquei por 4 (quatro) anos, fiz concurso, fui reconduzido por mais 4 (quatro), fique 8 (oito) anos. A partir dai, eu tive a oportunidade de, eu sempre quis também enquanto professor, ter o sonho de ter uma escola na qual eu pudesse aplicar as ideias que eu acreditava mais. O Centro Paula Souza embora seja uma instituição que de bastante liberdade de cátedra pra gente, a gente tem, né? liberdade pra isso, mas, eh ,eu sonhava com uma escola que trabalhasse competência de fato, os conhecimentos, as habilidades, enfim , tudo aquilo que a gente via muito em teoria , mas que na pratica a gente vivia preso em uma escola tradicional ainda, né? Sobre 4 (quatro) paredes, carteiras enfileiradas, aquela coisa, né? Então, aquela ideia de escola libertária surgiu com a venda, então, da

escola do sítio que me foi oferecida. Ai, ainda mesmo professor do Bento Quirino, né?, como diretor do Bento Quirino, trabalhei uma época também no Centro Paula Souza, fiquei uma época longe da escola porque eu trabalhei lá em São Paulo, na CETEC, junto com o professor Almério, em alguns projetos, entre eles o TELECURSO TEC, que era uma parceria com a Fundação Roberto Marinho nessa época eu acabei adquirindo, comprando a Escola do Sítio em Campinas. Que é uma escola que já vinha desde 1976, muito antiga, que já tinha um histórico de ser uma escola libertária desde aquela época. Foi fundada por um grupo de profissionais e professores da UNICAMP, né? Era um grupo mesmo, de fato, segundo a história tinha mais de 15 (quinze) pessoas que se juntou, era quase que uma cooperativa, e montaram com sonhos, uma escola diferente, né? Então, a partir, há doze anos atrás, eu acabei assumindo, comprando, adquirindo essa escola, sai da área contábil. Eu deixei a área contábil para me dedicar exclusivamente agora a educação. Hoje eu já não atuo mais na área contábil como profissional, já não tenho mais o escritório, eu abri mão lá, vendi a minha parte da empresa, porque não dá também, né? Você querer abraçar o mundo, senão você não faz nada direito, né? e ai, tô com a escola já doze anos, lá como gestor mesmo. Não sou professor porque é uma escola de educação infantil e ensino fundamental. Vai do maternal até o nono ano, não é a minha especialidade como professor, mas lá eu atuo como gestor. A gente chama de mantenedor, né? o proprietário da escola. Estou como mantenedor da escola do sítio já, há doze anos, onde também consegui implantar o meu jeito de trabalho, enfim, sem perder a essência, a história da escola, porque eu acho que é uma coisa que tem que ser respeitada, né? mas a gente, eu dei jeito de ser, né?, de atuar, do ponto de vista de gestão e respeitando a metodologia da escola, trazendo também as questões das mudanças que a educação sofre. A educação não pode ser, ela não é estática, as coisas vão mudando, as tecnologias, enfim, mas é uma escola que me proporcionou e me proporciona até hoje muito conhecimento e prazer em trabalhar, em ser educador, né? e por este motivo específico é que, eu diminuí drasticamente, também minha carreira de professor no Bento Quirino. Eu mantenho o vínculo porque eu gosto muito da escola, né? Eu tenho uma única sala de aula hoje em dia e pretendo ficar. Pelo menos uma sala de aula porque eu não quero sair, eu não quero deixar a escola, né? porque é uma coisa que me dá prazer, trabalhar com adolescentes, é lá que eu sou professor. Na minha escola que eu sou proprietário, por exemplo, lá eu sou gestor, administrador, né? e aquilo que eu amo que é ser professor é no Bento. Então, eu mantenho hoje, atualmente, essas duas atividades: sou proprietário de uma escola particular em Campinas e também continuo como professor no Bento Quirino.

ABV: Professor Renato, isso é uma coisa que eu queria perguntar pro senhor. Veja bem, o senhor discorreu ai sobre o exercício da sua vida profissional, não é? como contador, como contador em um escritório como empregado, depois como proprietário, foi contador de uma empresa, ai depois foi professor, eh? Como é que o senhor vê o curso técnico, que muitas vezes é como um curso que direciona, que fecha, que foca, eh, como é que um curso técnico conseguiu abrir esse horizonte pro senhor? Porque o senhor teve uma atuação, eh, horizontal né? não verticalizou

RNS: Sim, sim

ABV: Como é que você vê isso?

RNS: Eh, assim Américo, as aptidões, eu acho que não tem curso que fecha, eu não acredito nisso, né? porque eu acredito nas aptidões que as pessoas tem. Se, não vou pegar o meu caso obviamente, se eu fui para lá sem ter uma aptidão específica para contabilidade e lá eu descobri que eu tinha essa aptidão, então, o curso técnico ele oportuniza uma série de coisas. Ele pode abrir uma série de questões para o profissional que possa ser benéfica. Assim, até a própria decepção com o curso também é benéfica, pois pode mostrar pra pessoa que não é aquilo que ela tem que atuar. Então, ainda é um tempo em que você pode errar, né? É diferente de você fazer um curso de nível superior onde você tem investimento e mesmo se for uma universidade público você tem um investimento e perder um tempo precioso da vida estudando algo que não gosta, né? Então, eu acho que o curso técnico além de tudo, ele traz para o adolescente ou mesmo para o adulto; vou falar do adolescente, que foi a minha realidade, né? ele traz um senso de responsabilidade importante, né?, porque não é nada de enquadrar, deixar as pessoas bitoladas, não é isso, porque vai depender tudo da forma com que esse curso, ele é ministrado. Eu tive o privilégio de ter professores excelentes no curso técnico, com uma formação humana assim, que me deu, que eu me orgulho de quem eu sou hoje, da minha visão política, o que não vem ao caso, mas, do meu entendimento da sociedade brasileira como um todo, baseado nisso, naqueles professores que eu tive, não só no ensino fundamental, mas principalmente do Bento Quirino. Eu quero até homenagear uma professora que para mim é inesquecível, né? não a vi mais, você também agora vai ficar todo orgulhoso, mas foi minha professora de história, Terezinha. Ela, eu adorava a aula dela, os meus irmãos todos sempre falaram muito de política, mas a Terezinha, ela tinha, eh, ela era cativante, eu gosto, eu sempre gostei de história, de sociologia, e tal, aliás hoje se eu fosse fazer um outro curso, talvez seria dessa área: ou história ou sociologia, porque

eu gosto muito disso, da discussão salutar dos assuntos que são importantes para o país, né? Então, é uma professora que não era do ensino técnico, mas que me marcou por demais, a que mais me marcou na escola foi a professora Terezinha porque eu admirava a maneira como ela enxergava o mundo, como ela explicava as coisas, o contexto que ela dava da situação política que vivíamos na época., porque na verdade nós pegamos o fim de um ciclo de ditadura, quando fui aluno. Eu estava terminando, mas sem sectarismo nenhum ela mostrou pra gente o que, tudo, não só da política atual, mas a maneira como a história se desenvolveu desde lá a escravidão e vem evoluindo, enfim, ela sempre deu a realidade do que foi a história pra gente. O que eu vejo, eu só confirmo hoje em dia, né? porque você tem aquela coisa. Você como professor de história, você pode até me corrigir se estiver falando alguma bobagem, mas antigamente, os livros antes eram baseados em fatos que sabe Deus de onde saiu aquilo, né? Então, quem descobriu o Brasil?, essa era a pergunta. A molecada Pedro Álvares Cabral, todo mundo sabe que a história verdadeira não é essa, né? e, por incrível que pareça Américo, Terezinha já falava isso para nós lá em 1986 (mil novecentos e oitenta e seis), né? Então, me marcou demais, então o curso técnico em si, não é porque ele é técnico que ele vai te enquadrar, que ela vai te levar só pra ser só profissional, ou você vai ter uma ideia não real das coisas, distorcida das coisas. Não acredito nisso, tá, até porque nas disciplinas técnicas você pode colocar uma crítica em cima da própria profissão, inclusive, né? Eu sou professor de administração também e sou um crítico ferrenho de diversos autores e falo isso para os meus alunos. Enfim, não vamos entrar em questão de conteúdos, mas eu coloco isso, reflitam sobre isso, a questão. Teve uma época do mundo aí que a moda era terceirizar, né? Vamos terceirizar. Então você pegava os livros técnicos de contabilidade, de administração, diziam que a terceirização era uma coisa ótima, excelente, mas para quem? Para a empresa. Então eu explicava para os meus alunos, mas olha a visão é para a empresa, pro proprietário, pro dono do capital, e para o empregado? Será que é bom isso? É inso que a gente tem que refletir enquanto profissionais, não é? Então você pode levar uma, o ensino técnico de uma maneira também que amplie o universo de visão das coisas, não precisa especificamente preparar só para o mundo do trabalho. É preparar também para o mundo do trabalho, mas é preparar também para o mundo como um todo, eu acho que basicamente é isso.

ABV: Perfeito professor. Vamos voltar um pouquinho agora para as suas experiências como aluno.

RNS: Tá

ABV: Eh, Na escola técnica estadual Bento Quirino quais são as lembranças das aulas, das atividades práticas? Eh, quais o senhor avalia que foram as mais significativas para o seu exercício profissional posterior?

RNS: Tá. Eh, um pouco engraçado Américo, quem foi ouvir que for mais jovem, assistir a entrevista ai, nós tínhamos uma disciplina que se chamava Mecanografia e Processamento de Dados, que nada mais era que datilografar. A gente ia pra uma sala com um monte de máquinas de datilografia, tinha umas máquinas de somar, tal, e isso era a parte prática nossa, por incrível que pareça. A gente, nós tínhamos uma oficina, ou um laboratório específico como tinha o pessoal de eletrotécnica, de mecânica, que tinha as oficinas prá prática mesmo, o curso de contabilidade não tinha. Então, aliás, essa é uma das coisas que me levou também, depois, no futuro lá no Bento, no futuro depois desse como aluno, abrir o laboratório de gestão. Fiz um projeto e tal, mas enfim essa é uma história mais particular. Então assim, ah, as disciplinas que mais me marcava mesmo, era aquela que era ligada a contabilidade pura, né? tinha lá, contabilidade geral, a comercial, mas era tudo muito, como te falei já, anteriormente, era tudo muito teórico pra gente, né? nós não tínhamos, aquela época, uma oportunidade de ter uma coisa mais prática, até pela própria limitação das escolas estaduais, né? em que os recursos sempre foram poucos, enfim. Eh, então o curso era muito teórico, agora o que me marcava, o que me marcou realmente foi esses trabalhos práticos de laboratório que a gente fazia em termos de simulação. A gente simulava algumas empresas e contabilizava tal, então, até porque, até insistir nesse assunto, a estrutura em si para um curso como esse da área de gestão, ele, hoje você tem uma facilidade de montar laboratórios, né? Está tudo informatizado e você tem sistemas de gestão que foram aparecendo muito interessantes e variado, então hoje você, entre aspas, no bom sentido, você brinca muito com isso, dando aula. Aquela época não existia, né Américo, computador, o PC veio logo em seguida, era algo muito incipiente, até nas próprias empresas. Tanto é que a gente trabalhava com contabilidade, eu quando fui trabalhar com contabilidade, eu usava, eu datilografava um diário da empresa com carbono copiativo e depois que passar por uma gelatina, que tinha uma base de rolha. De rolha não, como é que chama aquele material da rolha? Cortiça, uma cortiça que tinha uma gelatina por cima, você punha lá o papel que você datilografou, prensava o livro. Parece uma coisa da época das cavernas, né? Então, enfim, esse é um exemplo que eu dou para os meus alunos, que a tecnologia pode trazer o benefício sem desempregar, porque é um tipo de trabalho que era braçal que a gente fazia, não exigia nada muito, a não ser o cuidado de fazer as coisas bem feitas. Então, o que eu mais sinto falta assim, que me dá saudade mesmo, é da convivência pessoal que a escola, das amizades que foram feitas,

né? E com essas amizades, como a gente trabalhou e foi aprendendo junto. A gente formou um grupo lá, que a gente tinha uma necessidade de querer aprender a parte profissional, mas a escola da época era muito limitada. Não por culpa da escola também, mas pela própria estrutura pública da escola da época. Então por isso que eu disse para você que eu fui aprender muito mais na parte prática, né? especificamente da minha profissão, mas que sem aquela base que eu tive, que eu tinha adquirido lá, seria muito difícil para mim. E, aliás, eu só fui aceito para trabalhar na contabilidade porque eu tinha um curso técnico, né? então isso tem que ser valorizado. Então, eu não saberia destacar para você uma convivi ali, que tinham me marcado. Tudo me marcou lá, desde as amizades, os professores, as aulas, e o que, como eu falei, o que proporcionou depois estar atuando profissionalmente, basicamente foi isso.

ABV: Perfeito, e esse curso também, professor, ele colaborava, ele incentivava, por exemplo, a você pensar em outras alternativas de trabalho, por exemplo? ou essas, essas perspectivas que você teve de..., sou Técnico em Contabilidade, mas também quero ser professor, eh, quero ser contador, quero ser gestor de escola ou não? Como é que funcionava isso?

RNS Não, o curso, ele ... Esse é um ponto bacana, você tocou em um ponto muito interessante do curso técnico em contabilidade. É um curso que hoje está em baixa, as pessoas, até porque o próprio CRC já não dá mais o registro do técnico. Esse é um ponto importante para ser dito também, que é um curso que tinha, que era um curso regulamentado, então, não é qualquer pessoa que podia trabalhar como técnico em contabilidade, precisava passar pelo banco da escola, isso era, entre aspas, uma reserva de mercado de mão de obra para quem tinha o curso, como tem até hoje em dia, né? A sociologia das profissões explica muito isso, até as brigas que tem entre as profissões: hoje o dentista que aplica botox, o médico vai lá e fala que não pode, enfim, um querendo interferir no que o outro acha que é o proprietário, né? Mas o curso de contabilidade Américo, na época, ele era o único que dava essa oportunidade de você ser um empreendedor, porque já permitia com o registro você ser dono de uma empresa, né?, que no caso, um escritório de contabilidade, e a própria ciência contábil, é muito ampla, né? Porque você, você falou de atuação não é? Eu nunca pensei em atuar em outro campo porque eu tinha tanta oportunidade dentro da ciência contábil de atuar que eu acabei ficando ali mesmo. Por exemplo, eu tive um amigo que se especializou em contabilidade rural, era chamado contabilidade rural na época, né? esse menino foi embora, lá, para o Mato Grosso, virou contador lá de três fazendas e a última notícia que eu tive é que ele estava

muito rico. Então, rsrsrs, você o bem dele, então você tem a contabilidade pública, a contabilidade privada das empresas, você tem dentro das empresas as especialidades, como essa que eu acabei de te dar um exemplo. Você fazer a contabilidade de uma fazenda é diferente de você fazer a contabilidade, as pessoas não se dão conta disso, uma fazenda é uma empresa, uma empresa da agropecuária. Depende da área que ela explora, mas é uma empresa, não é? Que tem as suas particularidades. Então, assim, eu, para mim, especificamente, nem precisou ampliar em nada, porque eu já tinha um leque muito grande. E um leque que eu acabei escolhendo é: primeiro eu vou aprender como se trabalha e depois vou partir como empreendedor. Uma coisa que é minha, mas que não é regra, eu nunca quis ser empregado de empresa. É uma coisa que, que eu nunca quis, eu fiz estágio, quando eu era aluno, na, na antiga GEVISA, que era a GE, virou GEVISA uma época, hoje eu não sei como é que está o nome, mas eu detestei ser funcionário de empresa grande. Aquela coisa, aquele salão de gente trabalhando, enim, isso é uma coisa que eu não quero para mim. Eu também já tinha essa coisa do espírito do empreendedor impregnado em mim, lá, porque os professores da época valorizavam muito isso. Olha vocês podem atuar como profissionais de contabilidade autônomo, não precisa ser necessariamente empregado; mas se for empregado remunera muito bem e hoje, Américo, até hoje quem é formado em contabilidade, na maior crise que você puder imaginar nesse país, essas pessoas não ficam desempregadas. Tendo prática estou dizendo, né? não ficam desempregadas. Há uma escassez de mão de obra especializada muito grande. Então é uma área muito boa para se trabalhar, se você gosta. Porque precisa gostar, contabilidade é um bichão, né? que turma fala. Então se você gostar, você vai dar muito bem. Eu tenho muito ex-aluno meu hoje super bem sucedido. Tenho ex-aluno que é diretor de empresa, ex-alunos que são auditores de grandes corporações que evoluíram para ter a sua própria auditoria. Tem um ex-aluno nosso, Jeferson, você deve até lembrar, talvez, era um baixinho que estava sempre nos movimentos da escola, hoje ele é um grande profissional de uma auditora ai conceituada. Vários viraram professores também e pra minha alegria, para o meu deleite: pô, você me inspirou bastante e tal, até hoje. Então é isso, eu sinceramente sou muito orgulhoso da carreira que eu escolhi e sou muito grato ao Bento Quirino e ao curso que eu escolhi também. Como eu falei para você, foi ele que mudou a minha realidade social. Não que hoje a gente esteja, mas assim, eu pude construir uma carreira, uma vida toda, porque esta profissão que eu escolhi lá e que o colégio técnico me ofereceu, me oportunizou.

ABV: Perfeito professor. Eh, ah, há algum tema que o senhor avalie como importante para a sua formação que não mencionamos até o momento? Eh, fique à vontade aí para fazer as suas considerações

RNS: Eu acho que é isso mesmo Américo. Eu acho assim, deixa, na verdade não é nem sobre mim, é um conselho para quem, né? jovens que vão assistir isso um dia, uma hora aí. É dizer que o curso técnico é uma boa escolha, né? independente do curso que você escolhe, se você gosta e se dedica, você vai ser um bom profissional e você vai se dar bem. Não é regra, mas geralmente é isso, que acontece. Quando você gosta daquilo que você faz, se dedica, você vai ser um bom profissional. Eu, enquanto diretor, conversei com o Vitor, um aluno que eu era diretor, ele era do curso de eletrotécnica, está lá em Harvard hoje, cara. Então, é um orgulho tão grande dos nossos alunos, que eu acredito que o Vitor é uma pessoa interessante para você conversar. Ele é jovem, recém-formado, e está lá nos Estados Unidos trabalhando. E, dizer que na verdade, assim, a formação técnica, ela é supervalorizada até pela própria sociedade ainda. Há um desconhecimento geral do que é um curso técnico. A vamos fazer, como foi dito para mim: “Faz lá um curso para você ter uma profissão e se garantir.” Não é só isso. Ele vai oportunizar, como eu já falei, uma série de questões que, em um primeiro momento, a gente não percebe. Depois com o amadurecimento, com a idade chegando, você olhando para trás, você vai ver que valeu muito a pena. Nem todo mundo aproveita da maneira, da maneira que é para ser aproveitado. Dá o valor que é pra ser dado, mas, no meu caso especificamente, eu recomendo que se faça um curso técnico, eh. O curso técnico, a própria história dizia que era para quem não ia fazer faculdade, né? Américo, e isso mudou bastante. Graças a Deus. Quem mais faz faculdade hoje são os alunos que fazem o ensino técnico, quase que 100 % (cem por cento) deles acabam indo para um curso superior, né? Quando a ideia muitas vezes era vou ter só um técnico, que era a minha ideia da época, vou fazer um técnico pois não vou ter chance de fazer uma universidade. A realidade mudou hoje bastante, mas, mesmo assim, eu acho que vale a pena investir em uma formação técnica. Acho que é isso!

ABV: Muito obrigado professor Renato.

RNS: Obrigado, Américo.

Descritores

Ensino Técnico

História oral na educação

Américo Baptista Villela

Renato Nogueira Saldini

Etec Bento Quirino

Técnico em Contabilidade

Técnico em Mecânica

Técnico de Logística

Técnico de Administração

Técnico de Gestão de pequenos negócios

ACT – Professor contratado em caráter temporário

Ciências Contábeis

Escritório de Contabilidade

Gestão

Educação à Distância

Empreendedorismo

Escola do Sítio em Campinas

Escola Libertária

Fundação Roberto Marinho

Telecurso TEC

Dados Biográficos do Entrevistado



Renato Nogueira Saldini é professor da Etec Bento Quirino e titular do Sistema Sítio de Ensino. Nasceu em Campinas, no dia 23 de maio de 1968, fez o curso Técnico em Contabilidade na atual Etec Bento Quirino e formou-se em Ciências Contábeis pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUCAMP. Em 19 de agosto de 1992, foi um dos criadores da Contplan – Contabilidade e Planejamento Empresarial onde atuou como contador. Como professor, após ser Coordenador da área de Gestão e Diretor da Etec Bento Quirino, foi responsável pelo Ensino a Distância do Centro Paula Souza criando o TELECURSO TEC. É autor dos livros Contabilidade Introdutória, Ciclo de Operações Contábeis: Uma Abordagem Sobre Custos, publicados pela editora Texto Novo em 2003 e A Pequena Empresa, publicado pela editora M.E. em 2001. Estas obras são indicadas para cursos técnicos da área de gestão.

Dados Biográficos do Entrevistador



Professor Américo B Villela em Sala de Aula da ETEC Bento Quirino, em 1994.

Fotografo: Aluna Lis Peres

Américo Baptista Villela é professor da Etec Bento Quirino e historiador lotado no Museu da Cidade em Campinas. Nascido em 11 de março de 1970, é natural de Jaboticabal, São Paulo, onde cursou o ensino médio pela manhã e o técnico em Contabilidade no período noturno na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus “Aurélio Arrobas Martins”.

Concluído o ensino médio, ingressou no curso de História da Universidade Estadual de Campinas onde obteve os títulos de bacharel e licenciado em História no ano de 1991. Em 1996, retornou à pós-graduação em História na mesma universidade, iniciando o mestrado com o projeto “Os (des) caminhos da cultura: política cultural e memória em Campinas”, sob orientação do Prof. Dr. Pedro Paulo de Abreu Funari. Em 1997, foi forçado a interromper os estudos, obtendo o título de especialização em História Social. Em 2008, retorna à pós-graduação, agora na Faculdade de Educação da Unicamp ingressando no mestrado e obtendo o título de mestre em 2011 com a defesa da dissertação 18 “O instituto profissional masculino Bento Quirino: uma visão social ideológica, maçônica, industrial e republicana”, sob orientação do Prof. Dr. Sérgio Eduardo Montes Castanho. No mesmo ano, cursa a especialização em “História da África e das culturas afro-brasileiras” tendo como temática “Da legalidade a realidade: A questão africana em sala de aula”, sob orientação do Prof. Dr. Acácio Almeida apresentando o ensaio A lei, ora a lei...: uma análise da aplicação da lei 10.639 na Etec Bento Quirino em campinas, que foi publicado posteriormente na obra “Cenas & cenários geográficos e históricos no processo de ensino e aprendizagem”. 1ed.Campinas: Pontes, 2013, v., p. 107-130. Organizada por Monari Evelyn Belo, Eraldo Leme Batista e Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. Endereço plataforma lattes <http://lattes.cnpq.br/2252310371562744>

Anexo (esse documento é sigiloso e não ficará aberto online ao público):

Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento assinado por Renato Nogueira Saldini e pelo professor-pesquisador Américo Baptista Villela